

OS BENEFÍCIOS DO TREINO DE VOLEI PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

AMARAL, Fabiano Franco do¹

MAROTO, Amauri²

RESUMO

Este trabalho de revisão de literatura leva em consideração o fato de que o ambiente escolar sempre se apresentou como ambiente propício para o processo de aprendizagens significativas que ajudam os alunos a adquirirem habilidades que os auxiliem a resolver problemas com competência. De forma geral, o desenvolvimento de habilidades deve ser o que cada disciplina escolar deve buscar em consonância com o Projeto Político e Pedagógico da escola. Assim, durante muito tempo no Brasil, as aulas de Educação Física nas escolas, tanto públicas quanto particulares, têm ficado à margem do processo educacional de ensino e aprendizagem das demais disciplinas. Na utilização dos jogos coletivos, como o vôlei, é proporcionado aos alunos habilidades que os ajudem a pensar mais rapidamente durante a prática do jogo, ampliando seu repertório motor de forma a pensar antes de agir. O tempo de ação/reação é muito importante no desenvolvimento de qualquer atividade e, no exercício dessa prática, se espera que os alunos sejam levados durante todo o tempo a pensar em tudo que executaram, procurando sempre melhorar e se adequar as situações problemas. Assim, através da revisão de literatura se pode entender que através do treinamento contínuo, além de possibilitar o desenvolvimento da técnica, da tática e física dos alunos, há a possibilidade de auxiliá-lo, também, nas tomadas de decisão em outros aspectos da vida. Os jogos coletivos, como o vôlei e outras atividades desenvolvidas nas aulas de educação física, dependendo da intencionalidade docente, podem ajudar no desenvolvimento da capacidade psicomotora, cognitiva e, além disto, no processo de socialização, nos relacionamentos interpessoais.

Palavras-Chave: Educação Física. Ensino Fundamental II. Vôlei.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de revisão de literatura leva em consideração o fato de que o ambiente escolar sempre se apresentou como ambiente propício para o processo de aprendizagens significativas que ajudam os alunos a adquirirem habilidades que os auxiliem a resolver problemas com competência.

De forma geral, o desenvolvimento de habilidades deve ser o que cada disciplina escolar deve buscar em consonância com o Projeto Político e Pedagógico da escola. Assim, durante muito tempo no Brasil, as aulas de Educação Física nas escolas, tanto públicas quanto

¹Aluno do Curso de Licenciatura em Educação Física das Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, no Curso de Licenciatura em Educação Física das Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA, 6º semestre – 2021. Email –

²Professor Orientador do Curso de Licenciatura em Educação Física das Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA – 2020. Email –

particulares, têm ficado à margem do processo educacional de ensino e aprendizagem das demais disciplinas (ARAÚJO, 2009).

É notório que, dentro dos ambientes de aprendizagens da escola, o ambiente onde a maior parte das aulas de educação física se desenvolve é a quadra e é nesse espaço que são realizadas as práticas desta disciplina que têm inúmeras possibilidades de proporcionar o desenvolvimento de habilidades essenciais para os alunos, em especial dos anos iniciais do Ensino Fundamental II, quando se esperam o desenvolvimento de habilidades essenciais para a continuidade dos estudos que exigem o aprimoramento destas (BERTOLINI, 2015).

Para Bertolini (2015), uma das maneiras de se promover o desenvolvimento global dos alunos nas aulas de educação física é se utilizar de estratégias didáticas pedagógicas que possibilitem a observação do desenvolvimento individual e coletivo dos alunos. Desta forma, uma atividade que pode oferecer a possibilidade de intervenção é o treino de vôlei, que permite uma observação do desenvolvimento da capacidade motora dos alunos. Através desta atividade o docente espera promover a melhoria da aprendizagem psicomotora, aprendizagem cognitiva / afetiva e principalmente as capacidades coordenativas dos alunos.

Ao buscar desenvolver habilidades essenciais nos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental durante as aulas de vôlei, se tem em mente as palavras de Paulo Freire (2001) que enxerga na prática dos esportes coletivos os princípios pedagógicos de “ensinar esporte a todos; ensinar bem o esporte a todos; ensinar mais do que esporte a todos; ensinar a gostar de esporte” (p. 37).

1.1. OBJETIVOS

Objetivo Geral: Perceber na prática do treino de vôlei nos anos iniciais do ensino fundamental o desenvolvimento de habilidades essenciais para a iniciação desportiva e o desenvolvimento da capacidade psicomotora.

Objetivos Específicos:

- Definir e caracterizar psicomotricidade;
- Apresentar a importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento de habilidades essenciais em alunos dos anos iniciais do ensino fundamental;
- Demonstrar, através de um plano de aula, a importância da iniciação desportiva durante as aulas de vôlei.

1.2. HIPÓTESE

Na utilização dos jogos coletivos, como o vôlei, é proporcionado aos alunos habilidades que os ajudem a pensar mais rapidamente durante a prática do jogo, ampliando seu repertório motor de forma a pensar antes de agir. O tempo de ação/reação é muito importante no desenvolvimento de qualquer atividade e, no exercício dessa prática, se espera que os alunos sejam levados durante todo o tempo a pensar em tudo que executaram, procurando sempre melhorar e se adequar as situações problemas (ABRANCHES, 2005).

É relevante ressaltar que as faixas etárias devem ser respeitadas; portanto, cabe aferir também, que o profissional deve planejar suas aulas de acordo com o desenvolvimento das crianças. É sabido que as crianças bem estimuladas aprendem sempre, desde a primeira infância, portanto, o exercício do pensar deve ser estimulado a partir do momento em que o aluno inicie sua educação formal. De acordo com Santana (2002), é interessante perceber que quem pensa sobre o que fez ou fará poderá fazer melhor.

Vale salientar que, no processo de ensino e aprendizagem, é preciso constantemente que os alunos estejam em conflitos cognitivos (situações/problemas). Conflitos esses que os alunos terão que resolver durante as aulas, causando desconforto ou desequilíbrio que com o passar do tempo já não causa mais um desconforto, gerando necessidade em proporcionar uma nova “situação / problema” que faça com que o aluno tenha que sair da zona de conforto novamente e causar um novo conflito cognitivo. Espera-se que essa prática constante seja refletida também em outros momentos de sua vida, ou seja, em seu desenvolvimento psicomotor e cognitivo.

1.3. JUSTIFICATIVA

Através do treinamento contínuo, além de possibilitar o desenvolvimento da técnica, da tática e física dos alunos, há a possibilidade de auxiliá-lo, também, nas tomadas de decisão em outros aspectos da vida. Os jogos coletivos, como o vôlei e outras atividades desenvolvidas nas aulas de educação física, dependendo da intencionalidade docente, podem ajudar no desenvolvimento da capacidade psicomotora, cognitiva e, além disto, no processo de socialização, nos relacionamentos interpessoais. (ARAÚJO, 2009)

Ponto relevante é saber que nas aulas de educação física há a capacidade de adaptar atividades para que todos os alunos possam participar. A elaboração de um plano de aula tendo o vôlei como tema, serve como auxílio para a percepção de uma prática docente planejada e pensada para o desenvolvimento de habilidades que permitam ao aluno a continuidade de seus estudos e no desenvolvimento da capacidade desportiva.

O docente em Educação Física, comprometido com sua profissão, pode se utilizar do vôlei como agregador de conhecimentos e promotor de melhor qualidade de vida. Se houver a intencionalidade docente, há a possibilidade e necessidade de manipular a atividade, conforme as carências específicas do aluno ou do grupo inseridos nas aulas de Educação Física Escolar, propiciando um melhor desenvolvimento físico, tático e técnico e, além disso, promover a socialização, relacionamento interpessoal, enfim, o desenvolvimento global dos alunos.

Vale ressaltar que, através deste trabalho, é possível aferir os benefícios do treino de vôlei, principalmente pela possibilidade de adaptação à princípio e tornando mais específico com o passar do tempo. O estudo ainda oferece a oportunidade em compreender a importância da pesquisa para o planejamento e ações a serem desenvolvidas profissionalmente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação Física e Educação escolar

Libâneo (2003) entende que, para que aconteça um bom convívio social, os indivíduos devem desenvolver habilidades que se transformem em competências sociais efetivas. Para o autor essas habilidades devem ser desenvolvidas na escola por meio de práticas e experiências vividas. Isso porque, na escola, o processo de socialização está acontecendo, onde, através de um processo dinâmico e complexo, há a integração das influências de todos os elementos no meio ambiente e exige participação dos indivíduos.

A formação de identidades, estruturação de personalidades, se dá por um longo processo de socialização do qual as crianças são atores principais. A expressão socialização, embora muito comum no linguajar do cotidiano, tem seu conceito diluído no que cerne a sua aplicabilidade no setor educacional. Desde sempre se fala em preparar o indivíduo para a sociedade, mas, em grande parte, se esquece de situar a que tipo de sociedade (FREIRE, 2006, p. 23).

Saber que tipo de sociedade se almeja é o ponto crucial para uma educação bem feita. Não se pode separar a escola do ambiente que ela se insere, não tem como negar as influências da sociedade no ambiente escolar, nem as influências que podem ocorrer do processo educacional na sociedade. Para Saviani (2000) os diferentes grupos que existem na escola, interagem entre si e partilham seus valores e seus conhecimentos, e cabe à escola e aos docentes perceberem essas intersecções e transformar em saberes específico. Para o autor, este é o verdadeiro desafio pedagógico.

Para Antunes (2002), a escola é importante ambiente para o processo de socialização humana. É na escola que se estabelece o conflito entre o mundo da criança, suas

potencialidades físicas, mentais e emocionais com o conhecimento do mundo, intermediado pelo professor e pelos adultos que fazem parte desse ambiente. Freire (2006) entende que, ao resolver pequenos problemas diários no ambiente escolar, de qualquer ordem, o educador deve ter como intenção promover não só o conhecimento, mas também o desenvolvimento de habilidades que podem servir aos alunos a resolução de problemas futuros com competência e autonomia.

Para um desenvolvimento mais efetivo no que se refere à educação integral do aluno, é necessário que se tenha em mente a função da escola, que é promover a socialização sem perder de vista que o aluno é um ser complexo e que precisa se desenvolver em todas as suas potencialidades e, ao ter que a escola é um ambiente múltiplo, docentes, pais, sociedade e gestores devem ter intencionalidade ao elaborar se projeto político e pedagógico visando à escolarização/socialização dos alunos (GADOTTI, 2002).

Belloni (2001) entende que a escola não é mais o único lugar que se aprende, mas é o local propício para o conflito entre os saberes que são apresentados a criança em todo processo de socialização.

A socialização é também um processo complexo e dinâmico, que integra a influência de todos os elementos presentes no meio ambiente e exige participação ativa da criança. Nas sociedades atuais, onde se predomina a globalização econômica e cultural e a presença da informação midiática, com todo o fascínio dos objetos técnicos que surpreendem a cada lançamento, as experiências vividas pelas crianças tendem a se caracterizar pela confusão entre a vida privada e pública, entre a confusão gerada no espaço “em aberto” entre o mundo infantil e adulto e o fosso tecnológico existente entre eles (LIBÂNEO, 2003, p. 37).

A formação de identidades, estruturação de personalidades, desenvolvimento físico/motor, se dá por um longo processo de socialização do qual as crianças são atores principais. Para Freire (2006), “A prática interativa da criança com o seu universo se tornam de relevante importância”.

Libâneo (2003) relata que a socialização se inicia na manipulação de repertórios e fragmentos fornecendo uma identidade própria e, na maneira de ver de Coelho (2001), os diferentes grupos, que interagem entre si no ambiente escolar, fornecem um “espelho” onde transparecem roupagens identificadoras, particulares e concretas, do que é mais abstrato e geral dos grupos humanos que, associados, deixam transparecer o como se organizam os grupos humanos.

Para Saviani (2000), a escola deve transformar esses saberes para a prática social. Não deve se pautar somente na transmissão do saber, mas garantir que eles tenham relevância nas relações sociais. O autor entende que a socialização supõe um saber existente que é dinâmico,

inacabado e suscetível à transformações e, para que haja essas transformações, é necessário o domínio desses saberes pelos agentes sociais, que são todos os elementos que compõem o ambiente escolar.

Sendo assim, a questão crucial quando se trata de socialização no espaço escolar está na concepção de educação adotada. Cada atividade, cada ato pedagógico concorrerá ou não para que o indivíduo elabore os saberes historicamente construídos, conforme suas necessidades e expectativas (FREIRE, 2006).

Coelho (2001) entende que, para que aconteça o maior número de intersecções possíveis é necessária uma abordagem interdisciplinar dos conhecimentos. A ação coletiva deve propor conhecimentos que se convertam em ações e, para isso ser possível é necessária a competência para se organizar um projeto político pedagógico que contemple a multiplicidade de elementos.

Rocha (2000) diz que a escola, como instituição viva, deve compreender os alunos como sujeitos que se apropriam e reelaboram os conteúdos e relações. Para Rodrigues (1991), não basta para a escola informar os alunos sobre os conhecimentos acumulados, mas auxiliá-los a desenvolver habilidades que possibilitem condições de sobrevivência e transformação de si próprio, de suas famílias e do grupo ao qual pertence. Para este autor a função da escola, uma exigência fundamental hoje, diz respeito à formação e ao desenvolvimento do espírito de cidadania nos indivíduos. Nesse processo, está a necessidade de dar condições de sobrevivência aos indivíduos.

Heller (2000) entende que a melhoria do ensino passa pela revisão do que acontece no interior da escola.

Santin (1993) alerta, portanto, que algumas atividades a serem desenvolvidas em benefício da socialização devem ser pensadas como tal. As atividades esportivas, por exemplo, devem fundamentar-se em uma concepção de esporte lúdico, que tenha a brincadeira por objetivo. O autor relata que os jogos, as brincadeiras, devem estar vinculados à realidade. É um momento de lazer e também de conhecimentos. As regras, a organização, a brincadeira, fornecem possibilidades de intervenção docente.

Ao contrário das concepções clássicas do processo de socialização como a ação determinante da sociedade sobre o indivíduo, as tendências atuais colocam em evidência o caráter ativo e interativo da criança como ator deste processo (LIBÂNEO, 2003).

A socialização como categoria sociológica básica pode ser compreendida dialeticamente em seu duplo aspecto como a ação da sociedade sobre as crianças e a apropriação do universo de socialização pela ação das crianças. Categoria estrutural cujas formas concretas variam segundo as sociedades, a socialização das novas

gerações deve ser entendida como um processo extremamente complexo e dinâmico, cuja compreensão e explicação (objetivo central de uma Sociologia da Infância) exigem abordagens interdisciplinares e históricas que levem em consideração sua complexidade e sua dinâmica (LIBÂNEO, 2003, p. 39).

De acordo com o mesmo, a proposta pedagógica da escola deve constar os jogos como mecanismo facilitador para a socialização, pois o objetivo é justamente fomentar a criatividade, sair da repetição não inculcar elementos impostos e, sim, fazer com que as pessoas interajam entre si e despertem para o seu interior que é um universo só seu.

Para Antunes (2002), o aluno constrói seus conhecimentos quando o que lhe é ofertado tem sentido para ele. Assim, a partir do momento que ele se apropria do conhecimento, este passa a promover a autonomia. O autor entende que o aluno não é uma “tábula rasa” portanto, a soma dos conhecimentos que ele traz consigo com o que lhe é ofertado ajudam na construção de sua autonomia e identidade e, isso não se limita à construção do conhecimento acumulado, mas quanto ao conhecimento de si, de sua relação com o outro e com o mundo e, também do conhecimento de seu corpo e das possibilidades que esses conhecimentos podem oferecer na vida prática.

Romanelli e Zago (2000) dizem que a criança, em geral, precisa de orientação, compreensão e instrução para superar suas dificuldades. É preciso fortalecer sua autoestima com estratégias de ensino e recursos multissensoriais, deve ser lembrado que cada criança tem um ritmo próprio para aprender, o caminho é diferente para cada um e o “tratamento” deve ser de formas diferenciadas.

Segundo Paín (2001), a aprendizagem se dá com a interação do sujeito com o meio que o cerca, através da família, da escola, etc. Essa interação refere-se aos aspectos cognitivo, psicossocial e pedagógico.

Para que haja o desenvolvimento do equilíbrio, a educação deve ser feita com alegria e confiança. O clima da classe e a vontade de realizá-la de forma acertada influem muito na autoestima da criança e na sua relação com seu professor. A maneira como o professor consegue trabalhar com seus alunos e os laços afetivos refletem como ele trata do conteúdo, e suas habilidades se desenvolvem ou não (NEGRINE, 1995).

No atual cenário da educação escolar, ensinar a ler e a escrever continua sendo uma das tarefas mais específicas da escola, frente a um número significativo de crianças que fracassam nessa aprendizagem. No entanto, há uma nova maneira de considerar o desenvolvimento do aluno, tomando a aprendizagem da leitura e da escrita e investigando sua natureza, sua função e o valor desse objeto cultural, pode-se através de estratégias diferenciadas de aprendizagens auxiliar no desenvolvimento da habilidade da escrita e leitura.

Nas aulas de educação física, por exemplo, podem ser trabalhadas habilidades que proporcionem à criança mais autonomia, autoconfiança, criatividade, de forma prazerosa e efetiva (PEREIRA, 1997).

Emília Ferrero e Ana Teberoski (1999) oferecem ideias a partir dos quais é possível repensar a prática escolar da alfabetização, por meio dos resultados obtidos em suas pesquisas científicas.

2.2. Psicomotricidade

Conforme Wallon (2005), o movimento tem início já na idade fetal. Na criança, é por meio do movimento que o ato se faz presente. Assim, a ação da criança não se limita ao domínio das coisas, mas é meio indispensável de expressão do pensamento e faz com que as crianças participem do mundo, compondo um elemento do desenvolvimento mental da criança.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (1998, Vol. 3), relata que a externalização de sentimentos, emoções e estados íntimos poderão encontrar na expressividade do corpo um recurso privilegiado. No referencial é salientado que cada cultura possui seu jeito próprio de preservar os recursos expressivos do movimento, havendo variações na importância dada às expressões.

A cultura tem grande importância para o desenvolvimento da motricidade infantil, não só pelos diferentes significados que cada grupo atribui, como também pelos diferentes movimentos aprendidos no manuseio de objetos específicos presentes na atividade cotidiana, como pás, lápis, bolas de gude, corda, estilingue etc. (BROUGÈRE, 1997).

Para Fortuna (2004), os jogos, as brincadeiras, a dança e as práticas esportivas revelam a cultura corporal de cada grupo social e são atividades privilegiadas nas quais o movimento é aprendido e significado.

De acordo com Gallahue e Ozmun (2001), dado o alcance que a questão motora assume na atividade da criança, é muito importante que, ao lado das situações planejadas especialmente para trabalhar o movimento em suas várias dimensões, a instituição reflita sobre o espaço dado ao movimento em todos os momentos da rotina diária, incorporando os diferentes significados que lhe são atribuídos pelos familiares e pela comunidade.

A criança mantém uma relação com o esporte muito mais afetiva e prazerosa do que eficiente. A iniciação esportiva é um processo de ensino-aprendizagem mediante o qual o indivíduo adquire e desenvolve técnicas básicas para o desporto (SHIGUNOV, 2003)

O trabalho de iniciação requer cuidados especiais, pois o professor além de ter o profundo conhecimento ou vivência da prática do esporte deve possuir conhecimento a respeito da turma, desenvolvendo aspectos de esquema corporal, equilíbrio, lateralidade, organização do corpo no espaço e tempo e coordenação motora, oportunizando assim uma variedade de experiências motoras, bem como contato com vários objetos em diferentes espaços (STIGGER, 2005).

Para Hargreaves (2003), o professor deve manter sempre a motivação da turma e seu interesse pelas atividades, sabendo a hora de trocá-las, sendo que os alunos devem sentir-se seguros e desinibidos para participar da atividade. Devem-se incentivar principalmente os alunos com dificuldade, elogiando-os a cada conquista e deixando para os que possuem mais facilidade o compromisso de auxiliar na transmissão de experiências.

De maneira geral, sabe-se que compreender as características da faixa etária dos educandos é fator de extrema necessidade. O período de tempo que constitui o que se conhece como adolescência é afetado tanto pela biologia quanto pela cultura, pois o final da adolescência e o início da idade adulta são marcados pela independência financeira e emocional da família. Como resultado os anos da adolescência vêm sendo alongados no decorrer do tempo (GALLAHUE, 2005).

A Psicomotricidade como sendo uma área que tem por objetivo o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo se faz importante para o trabalho com crianças nas etapas iniciais da Educação Básica, uma vez que é por meio de atividades psicomotoras que a criança encontra a possibilidade de desenvolver-se integralmente (BUENO, 1998).

Segundo Bueno (1998) a Psicomotricidade no Brasil tem seus primeiros registros e documentos em meados de 1950, neste período começava-se a reconhecer a ligação existente entre corpo e movimento, mas ainda não se visava o termo “psicomotricidade”. O autor salienta ainda que no fim de 1950 Günspun já evidenciava a possibilidade de tratamento de distúrbios de aprendizagem utilizando-se de atividades psicomotoras. A Sociedade Brasileira de Psicomotricidade foi fundada em 1980, com o objetivo de auxiliar os profissionais que trabalhavam e buscavam formação nesta área.

A Educação Psicomotora sendo trabalhada na Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental I apresentam-se como uma ação preventiva, pois proporciona estímulos e desenvolvimento de capacidades que serão evidenciadas ao longo da vida do indivíduo. Conforme Rossi (2012) a partir de várias pesquisas realizadas constatou-se que o trabalho com a Psicomotricidade proporciona ao aluno uma melhor assimilação das aprendizagens escolares.

Quando o sujeito se movimenta por meio de atividades direcionadas e planejadas por um mediador, seu cérebro é capaz de internalizar conceitos imprescindíveis para o desenvolvimento de suas capacidades. “A aprendizagem humana é o resultado de uma experiência motora que posteriormente se conserva no cérebro, através de uma experiência psicológica reflexiva” (FONSECA, 1995).

Fonseca (1995a) coloca que a psicomotricidade pode possibilitar meios de prevenção e intervenção nas Dificuldades da Aprendizagem, além de poder ser um ótimo recurso para desenvolver potenciais de aprendizagens, mas estes fatores somente poderão ser evidenciados se a prática psicomotora for bem elaborada e estruturada. Assim sendo, observa-se a importância em se desenvolver atividades psicomotoras que objetivem atender todas as necessidades das crianças, pois estas dependem de bons mediadores para que o processo de aprendizagem ocorra com êxito.

A partir de atividades planejadas o sujeito vai se construindo nos aspectos: físico, afetivo e cognitivo. “[...] é na relação com o meio que o indivíduo se desenvolve, mas a efetivação do desenvolvimento acontece no nível individual, ficando registrado no corpo e no cérebro” (LIMA, 2001 apud CARVALHO, 2007).

2.3 Desenvolvimento psicomotor nas aulas de vôlei

A psicomotricidade é a ciência que estuda o movimento humano, a criança processa a informação em vários fatores: metabólica, morfológica, psicotônicos, psicoemocionais, psicomotores e psicossociais, sendo que a evolução psicomotora é dividida em três estágios: corpo vivido, corpo percebido ou descoberto e corpo representado (PIAGET, 2003).

A primeira etapa compreende o desenvolvimento sensório-motor, onde a criança não tem a consciência dos seus atos, agindo pelo reflexo e buscando compreender o mundo onde vive (LE BOUCH, 1988). A segunda etapa a criança passa ter a consciência do eu e do mundo que o rodeia, tendo sua parte motora já desenvolvida, desta forma obtém consciência do seu corpo como referência e inicia o conhecimento de conceitos relacionados a espaço e tempo tais como em cima, em baixo, adiante e atrás (LE BOUCH, 1988). E a terceira etapa, fase de desenvolvimento da criança seus pontos de referências não ficam mais centrados no corpo próprio, desta forma ela cria os pontos que podem orientá-las. Neste momento a criança realiza por si as suas ações, com aperfeiçoamento dos seus movimentos e coordenação (OLIVEIRA, 2013).

A Educação Física na escola, atualmente, é uma área que trata da cultura corporal de movimento e que tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, objetivando formar o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la (DARIDO, 2004).

A Psicomotricidade, por sua vez, é uma ciência que tem como objeto de estudo o homem e o seu corpo em movimento. Essa relação leva em conta o seu mundo interno e externo e está relacionada ao processo de maturação, em que o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. Resumidamente, está sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto (NEGRINE, 2002).

Integrada à psicomotricidade, está a afetividade. Em outras palavras, a criança utiliza seu corpo para demonstrar o que sente, desde o seu nascimento. Assim, uma criança passa por diferentes fases nas quais adquire conhecimentos e passa por diversas experiências até então chegar a sua vida adulta. As primeiras reações afetivas da criança abarcam a satisfação de suas necessidades e o equilíbrio fisiológico (MOLINARI; SENS, 2003).

Para Negrine (2002), integrar a Psicomotricidade a Educação Física, é contribuir a área. Basicamente em todas as abordagens da Educação Física, há o objetivo de melhorar os processos de aprendizagem, com vistas a autonomia intelectual, a capacidade de cooperar e trabalhar em equipe, do explorar o movimento de acordo com o ambiente e na busca pela totalidade do ser diante do mundo.

O jogo no decorrer da História serviu para divulgar os princípios de moral, ética e conteúdos escolares. Vários pensadores como Quintiliano, Erasmo, Rabelais, Comenius, Aristóteles, entre outros, entendiam que o jogo é um modo não apenas de relaxamento, mas uma maneira de desenvolver o físico e o intelectual (KISHIMOTO, 2007).

Segundo Freire (2010), o trabalho com o jogo na escola, na maioria das vezes, não é bem visto, pois alguns acreditam que no processo de ensino e de aprendizagem, não existe espaço para o jogo ou para o lúdico. Essa crítica também é colocada por Kishimoto (2007), ao afirmar que uma pedagogia pelo jogo é compreendida como que se a simples ação de jogar fosse suficiente para a aquisição de habilidades.

Assim sendo, se a escola tem como determinados objetivos a atingir e os alunos conhecimentos a aprender, o jogo pode ser uma ação dirigida e orientada para que essa finalidade seja atingida.

Para o uso do jogo na escola, Brougère (1998) afirma que se devem considerar alguns aspectos:

- 1- Coesão na organização do espaço;

- 2- Oferta de diversos materiais de jogo como bolas, cordas, arcos, tabuleiros, brinquedos, dentre outros;
- 3- Possibilidade de oportunizar as crianças a liberdade de expressão;
- 4- Preservação do espaço de jogo, sem a intervenção de outras atividades da sala.

Sendo assim, as aulas com atividades de vôlei, oferecem oportunidade de se trabalhar a psicomotricidade de maneira eficaz, pelas próprias características da modalidade.

Uma atividade de iniciação esportiva em vôlei que pode favorecer a psicomotricidade é o mini-vôlei. O plano de aula abaixo tem por objetivo a iniciação e foi extraído do site <https://www.educacaofisicaa.com.br/2018/07/plano-de-aula-para-voleibol-na-escola-5.html>

Plano de aula

Atividade: Minivoleibol

Conteúdo: Voleibol Adaptado – Passes: manchete e toque

Material: Bolas de voleibol

- Organização: Separe a turma em três grupos iguais, sendo que dois deles participam do jogo, tendo o 3o grupo entre eles, com os braços estendidos acima da cabeça, como se fosse a rede de voleibol.

- Desenvolvimento: Os dois grupos que se confrontam passam a bola através de manchete ou toque por cima da rede humana até que a bola seja interceptada por algum componente da rede. O grupo que perde a posse da bola passa à função de rede humana e assim sucessivamente.

Pode-se contar um ponto para o grupo toda vez que ele ganhar a posse de bola e aquele que somar mais pontos será o vencedor.

- Socialização da atividade: O professor incentiva os estudantes a se expressarem e registrarem em seu caderno os sentimentos em relação ao jogo coletivo, a sua respiração, aos seus batimentos cardíacos, à solidariedade e à cooperação para com os colegas, às facilidades e às dificuldades encontradas na atividade proposta.

Depois, se deve fazer uma abordagem das recriações sociais do jogo para possibilitar a participação de muitos, para poder jogar em lugares diversos e para tornar o jogo mais emocionante.

3. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão narrativa de literatura com embasamento em manuais das referências publicadas em livros e textos disponíveis no acervo das Faculdades Integradas

Regionais de Avaré (FIRA) assim como na base de dados Google Acadêmico utilizando as respectivas palavras-chave: Educação Física. Competências e habilidades. Vôlei.

Este trabalho ao optar pela importância da educação física no desenvolvimento da psicomotricidade em crianças do ensino fundamental II, se utiliza da revisão de literatura e por isso, num primeiro momento se valeu da pesquisa e leitura de artigos (publicados e *internet*), livros e revistas da área esportiva que tratassem do tema. Assim, foram selecionados aqueles que, preferencialmente, fossem posteriores às legislações que tratam da universalização do ensino e da prática desportiva como instrumentos de socialização e desenvolvimento global dos educandos.

As informações colhidas ministraram auxílio para a construção do trabalho, principalmente no que tange o propósito do trabalho. Foi apresentada, assim, a possibilidade do trabalho docente no desenvolvimento da psicomotricidade. Então se buscou na revisão de literatura material que caracterizasse o ambiente escolar, a ensino fundamental, volei e das definições e caracterizações pertinentes ao tema.

Para tal, para a elaboração do trabalho, no que cerne ao material teórico, buscou-se na pesquisa qualitativa suporte metodológico. A pesquisa qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações e é por isso que este trabalho se define por optar por este tipo de pesquisa, a flexibilidade. Por ser mais participativa e, portanto, menos controlável, podendo o executor de a pesquisa direcionar o rumo da pesquisa em suas interações com o objeto (SEVERINO, 2000).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que a Educação Física Escolar tem como objetivo a integração de todos os alunos a aula, independentemente de ser habilidoso ou não, ou ter qualquer tipo de restrição física.

O trabalho se mostrou relevante ao salientar que a atividade de iniciação esportiva nos anos iniciais do ensino fundamental requer cuidados especiais, pois o professor além de ter o profundo conhecimento ou vivência da prática do desporto deve possuir conhecimento a respeito da turma, desenvolvendo aspectos de esquema corporal, equilíbrio, lateralidade, organização do corpo no espaço e tempo e coordenação motora, oportunizando assim uma variedade de experiências motoras, bem como contato com vários objetos em diferentes espaços.

O jogo de vôlei pode ser adaptado quando os alunos ainda não possuem habilidades essenciais para o jogo, garantindo a oportunidade de a criança adquirir certa flexibilidade,

vontade de experimentar, buscar novos caminhos, conviver com o diferente, ter confiança, raciocinar, descobrir, persistir e perseverar, aprender a perder percebendo que virá novas oportunidades para ganhar.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. Novas maneiras de ensinar, novas maneiras de aprender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARROS, J. M. C. Educação física e esporte: profissões? Kinesis, n. 11, 2008.

BATISTA, C. F. S. Esporte: da Escola à Competição, Rio de Janeiro, Sprint, 2003.

BELLONI, M. L. O que é mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2001.

BERTALOT, Leonore. Criança Querida – O dia-a-dia da alfabetização. São Paulo: Editora Antroposófica, 1995

BROUGÈRE, G. Brinquedo e Cultura. 2a.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

BUSCAGLIA, L. Vivendo, amando e aprendendo. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação inclusiva: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2007.

CHATEU, J.O Jogo e a Criança, São Paulo, Ed.Summus,1987

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FORTUNA, Tânia R. O brincar na educação infantil. Revista Pátio, ano I, n. 3, dezembro 2003/março 2004.

FONSECA, Vitor. Introdução às dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GALLAHUE D. L. e OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

GALLAHUE D. L. Compreendendo o desenvolvimento psicomotor. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

JIMÉNEZ, J. Psicomotricidade e Educação Física. Atividades Práticas para a Educação Especial, Infantil e Primária. Madrid, Ed. Visor, 1998.

KISHIMOTO, Tizuka Morchida. Jogos Infantis; O jogo, a criança e a educação. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LÊ BOULCH, Jean. O desenvolvimento psicomotor. Tradução de A. G. Brizolara. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988

MACEDO, Lino de. Faz-de-conta na escola: a importância do brincar. Revista Pátio, ano I, n.3, dezembro 2003.

MUSSEN, P. H. Desenvolvimento e personalidade da criança. 4. ed. São Paulo: Harbra, 2001.

NEGRINE, Airton. Aprendizagem e desenvolvimento infantil. Conteúdo: v. 1. Simbolismo e jogo. Porto Alegre: Prodil, 1994.

OLIVEIRA, D.S ET.al. A influência do gênero e idade no desempenho das habilidades locomotoras de crianças de primeira infância. Revista Brasileira de Educação Física. São Paulo, v.27, n.4, p.647-655. Out/Dez. 2013.

PEREIRA, Flávio Medeiros. O cotidiano escolar e a educação física necessária. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PIAGET, Jean. A educação da liberdade. In: PARRAT, Sílvia e TRYPHON, Anastasia (organizadoras). Jean Piaget – Sobre a Pedagogia: Textos inéditos. São Paulo: Casa do psicólogo, 1996.